

## Sair de Portugal

É tema recorrente, sobretudo na actual situação de Portugal, a emigração: sair do país, arranjar emprego fora. Fugir aos problemas que não resolvemos ou não nos deixam resolver. Assumir que a resolução desses problemas vai além da nossa expectativa de vida ou pelo menos tempo de vida activa e reconhecer que não queremos sacrificar uma vida pela causa.

Suponho que esta ideia – a de emigrar – assalte a mente de muitos universitários, particularmente em cursos de acesso à profissão difícil, como é o caso do Direito. E essa mente assaltada tem uma reacção: o refúgio num país que parece pouco acolhedor socialmente, mas muitas vezes um maná comparado com a situação financeira em Portugal. Presumo que possam sempre considerar as sábias palavras de Eça, segundo o qual é preciso de sair de Portugal para o amar, e de Pessoa, para o qual a sua Pátria é a língua portuguesa e essa, diremos nós, podemos levá-la para qualquer lado, desde que não deixemos de falar, ler e escrever na língua materna.

Pode também dizer-se que no mundo da Ryanair e do Concorde renascido, o conceito de emigrante mudou. Emigrante é mudar para a lua. Enquanto for por aqui são meras viagens. Não há paciência para 'emigrantes de sucesso' a dizerem bem de si mesmos e mal de Portugal, ou de emigrantes de 'insucesso' a dizerem que Portugal é 'saúde'.

Um jornalista, diremos amigo, também obrigado ao exílio em Paris, Pedro Rosa Mendes, escrevia na revista da TAP que 'Portugal tornou-se no seu país preferido para passar férias no estrangeiro', o que me recordou o que me dizem muitos emigrantes portugueses (como eu): 'gostamos de Portugal, mas para férias'. Além de férias, Portugal era um óptimo local para a reforma (quando a havia).

Estou certo que há imensas soluções para Portugal, muitas delas passando pela lusofonia, pela qualidade e não pela quantidade. E que passam por investir e não por cortar. Mas o actual extremismo não augura nada de bom, mesmo após a descoberta do erro de Excel: trata alguns emigrantes como iluminados, exigindo-lhes demasiado (lembra-se de António Borges e do INSEAD, Goldman Sachs e FMI?), outros são gozados (o típico emigrante em França) e uns quantos ignorados (os verdadeiros casos de 'sucesso'). E quem fica em Portugal parece ter ao peito uma estrela, não de prémio, mas de quem não conseguiu sair, a menos que pertença àquele pequeno grupo que, como em qualquer país pobre, domina o que Vasco Pulido Valente chamaria 'os indígenas'.

Ainda assim, emociono-me ao notar que os maiores patriotas não vivem em Portugal, mas fora dele. Amam um país que os fez sair, que os goza ou tudo exige quando voltam em Agosto ou definitivamente para as suas casas de azulejo WC (não o do Palácio Fronteira ou da Brejoeira) e que continua a esperar as famosas 'remessas'. Amam um país onde muitas vezes nem nasceram. O Amor é cego, de facto.

*Declaro que o texto que apresento é da minha autoria,  
sendo exclusivamente responsável pelo respectivo  
conteúdo e citações efectuadas.*

Frederico Alcantara de Melo

[Frederico.am@gmail.com](mailto:Frederico.am@gmail.com)

Maio de 2013